

Transparência semântica e o ‘calque’ cultural no noroeste amazônico

Simeon Floyd¹

Resumo

A literatura etnográfica tem descrito, por vezes, as partes do noroeste da Amazônia como áreas de cultura compartilhada com grupos linguísticos. Este trabalho ilustra como um princípio de transparência semântica entre idiomas é o meio pelo qual se estabelecem elementos de uma cultura regional comum através de práticas como o calque linguístico de etnônimos e topônimos de tal sorte que eles são semanticamente, mas não fonologicamente, equivalente entre idiomas. Colocam-se as áreas do alto Rio Negro do noroeste da Amazônia em discussão geral das práticas nominais entre idiomas na América do Sul e considera-se a extensão para a qual uma preferência pela transparência semântica pode ser ligada a casos de ‘calques’ culturais amplamente disseminados, em significados culturalmente importantes por serem similares em diferentes sistemas linguísticos. Também se refere ao princípio de transparência semântica além das frases específicas referenciais e em estruturas de discurso maiores. Conclui-se que uma atenção para as práticas semióticas nos cenários multilíngues podem prover novos e mais complexos modos de pensar a respeito da ideia de cultura compartilhada.

Palavras-chave: Etnônimos, topônimos, Amazônia, semiótica.

Abstract

The ethnographic literature has described the northwest Amazon as an area of shared culture across linguistic groups. This paper illustrates how a principle of semantic transparency across languages is a key means of establishing elements of a common regional culture through practices like the calquing of ethnonyms and toponyms so that they are semantically, but not phonologically, equivalent across languages. It places the northwest Amazon in a general discussion of cross-linguistic naming practices in South America and considers the extent to which a preference for semantic transparency can be linked to cases of widespread cultural “calquing”. It also addresses the principle of semantic transparency beyond specific referential phrases and into larger discourse structures. It concludes that an attention to semiotic practices in multilingual settings can provide new and more complex ways of thinking about the idea of shared culture.

keywords: ethnonyms, toponyms, Amazon, semiotics

1 - Max Planck Institute for Psycholinguistics, Nijmegen

1 'Homogeneidade' cultural com diversidade linguística?

A região ao longo do Rio Negro e seus afluentes no noroeste da Amazônia, e particularmente a região do rio Vaupés, é conhecida como uma das áreas mais multilíngues no mundo, não somente em termos do total número de idiomas que muitos indivíduos adquirem, vinculados ao sistema de exogamia linguística no qual as pessoas casam fora do seu grupo de linguagem. (SORENSEN 1967, SILVA 1962, JACKSON 1983, STENZEL 2005). A despeito desta grande diversidade linguística, a literatura etnográfica tem mostrado muitos dos diferentes grupos de idiomas na área como mostrando muito menos diversidade nas práticas culturais que no idioma, desde que eles sejam em certo sentido parte de um complexo cultural único que mantém diferenças linguísticas por várias razões sociais, incluindo a manutenção do sistema de casamento. O *Manual dos índios da América do Sul* assim expressa este fato:

Dentro desta rede de rios moram pessoas de diversas famílias linguísticas— Arawakan, Cariban, Tucana, Witotoan (Miranyan), e não classificadas – mas tendo semelhanças culturais suficientes para merecer classificação preliminar dentro de uma única área cultural. (GOLDMAN 1948,763) [traduzido]

Na sua etnografia muito conhecida *The Fish People*, Jackson pontuou essencialmente a mesma coisa quatro décadas depois:

As diferenças que separam os grupos de idiomas dos Vaupés tendem a ser muito enfatizadas(exarcebadas ao chama-los de tribos), a despeito do fato de que as diferenças no idioma não, a priori, indicam divisões culturais profundas. As características homogêneas e regionalmente integradas dos Vaupés não têm, em minha opinião, sido considerada o suficiente na literatura etnográfica. (JACKSON 1983,101) [traduzido]

Em honra a verdade, o que a maioria dos etnográficos da região descreveram é um sistema complexo em que as características culturais gerais “regionalmente integradas” existem em um nível social, à medida que um número de distinções sociais diferentes são mantidas em outros níveis (descrevendo a relação do grupo *phratry* versus o *sib*, e assim por diante; GOLDMAN 1948, HUGH-JONES 1978, JACKSON 1983, HUGH-JONES 1988, CHERNELA 1993, e muitos outros). Entretanto, enquanto etnógrafos reconhecem que às vezes grupos sociais localizados na região verdadeiramente distinguem suas próprias práticas culturais específicas da maior cultura regional, eles têm percebido que de mais marcante é o fato de que tantas práticas culturais são compartilhadas amplamente

além dos grupos de idiomas individuais, e este fato tem sido enfatizado como algo um tanto especial sobre a região.

O fato de que as divisões entre grupos culturais e linguísticos não necessariamente vinculam um ao outro, como é às vezes popularmente compreendido, é pelo menos já bem-estabelecido que Boas' desembaraço das distinções linguísticas, culturais e raciais em sua famosa introdução do Manual das Línguas Ameríndias (1911). Casos em que idiomas singulares são usados amplamente através de qualquer grupo cultural específico são fáceis de encontrar e relativamente bem compreendidos, geralmente sendo vinculados aos processos de disseminação da língua através da imigração, câmbio, colonização, conquista, projetos de construção da nação, e outros eventos sócio históricos similares. Casos em que os grupos mostram relativamente uma pequena diferenciação nos termos de muitas das práticas culturais enquanto mostram um grau elevado de multilinguismo como visto nas áreas do noroeste da Amazônia são mais raros e tem menos contextos históricos óbvios. Este trabalho identificará alguns dos processos linguísticos e semióticos envolvidos na transferência linguística dos significados vinculados pelas caracterizações etnográficas do noroeste da Amazônia multilíngue como uma área de cultura compartilhada, ambos na sociedade Vaupés bem como a região amplamente, incluindo um caso de estudo do médio Rio Negro. Discutirá os nomes dos lugares (topônimos) e os nomes dos grupos sociais (etnônimos), e como os significados culturais atrelados a eles podem transpor os limites linguísticos, ampliando então o escopo para considerar como estes referentes nominais estão socialmente circulados através do discurso. A discussão orientará o conceito de transparência semântica, que é aplicada como um princípio de práticas culturais pelos muitos povos do noroeste da Amazônia como um meio de gerenciar significados compartilhados em um cenário de diversidade linguística.

2 Transparência semântica e significado cultural linguístico trans-fronteiriço

Um aspecto chave do desenvolvimento dos diferentes grupos históricos linguísticos Amazônicos de cultura compartilhada comentados pelos etnógrafos citados acima é a preferência pela transparência semântica em muitos conceitos culturais entre idiomas. Uma boa forma de ilustrar o princípio da transparência semântica é com o caso dos topônimos do alto Rio Negro. Durante trabalho de campo com falantes de o Nheengatú, uma *lingua franca* Tupi-guarani falada no médio Rio Negro, eu ouvi com frequência as pessoas se referirem aos lugares em áreas acima do rio onde falam línguas arawakas e tukanos, das quais muitas delas migraram para formar as comunidades abaixo do rio. Apesar do fato de que sua mudança para Nheengatú tenha sido relativamente recente, eu estava surpreso ao ouvi-los usando o que soou como nomes próprios de lugares que eram nativos do Nheengatú ao invés de nomes nas

línguas faladas acima do rio. Logo percebi que estes lugares de fato tinham nomes nas línguas locais, e que em cada língua a palavra fonológica era distinta enquanto o significado foi que em termos linguísticos é conhecido como ‘*calque linguístico*’. A cidade conhecida como, ou “jaguar/ onça” em Nheengatú, foi identificada como “jaguar/ onça” em todas as outras línguas locais também, tornando seu significado semanticamente transparente em cada idioma, como indicado por Silva:

Os nomes (dos lugares/ vilarejos) são ordinariamente da língua Nheengatú linguagem ou língua geral e correspondem a outras em, quase sempre como uma tradução exata. É difícil afirmar se o nome original é em Tukanoan ou da língua geral, pela qual é conhecida, é apenas uma tradução, ou vice-versa. (SILVA 1962,57) [Tradução do autor]

Nomes de lugares normalmente se referem a atributos físicos da paisagem, mas também podem fazer referência aos elementos das histórias tradicionais, então os mantendo assim semanticamente transparente pode fazê-los culturalmente acessíveis bem como possíveis linguisticamente de forma transfronteiriça. Não é tão simples, todavia, dizer que os grupos linguísticos do noroeste da Amazônia são basicamente ‘calques’ de suas culturas em todos os níveis. Aikhenvald (1996) descreve os topônimos Tarianacomo tendo três níveis: locais habitados atualmente, locais históricos e mitológicos, somente o primeiro refletindo traduções de outras línguas na área (“nomes de locais multilíngues”), e as últimas duas sem tradução (“nomes de locais monolíngue”). Topônimos Tariana refletem conhecimento cultural historicamente diferenciados bem como o conhecimento comum e compartilhado da região. A tabela 1 mostra alguns dos nomes multilíngues em Tariana, com as traduções em outras línguas.

O princípio de transparência semântica observado pelos nomes de lugares em Tariana aparentam se manter em alguma extensão na maioria das línguas na região. Enquanto alguns nomes de lugares foram mantidos sem tradução e outros tem se tornado parcialmente opacos devido ao deslocamento histórico, o alto número de

Tabela 1. Nomes de locais em Tariana; dados de Aikhenvald (1996)

Tariana	Tukano	Nheengatú/Português	Significado
yema-phe	uxtíka-p r	Cigarro	tabaco/Cigarette
iwi-taku	moá-noá	juquira-ponta	Ponta de sal
ikuli-taku	úhuri-pweá	Jabuti	Jabuti
tuili-taku	um -ñōá	japú-ponta	Ponta de Japú (pássaro)
mawa-kere	wöhö-nāxkāro	Arumã	Fibra para confecção de cestos.

Tabela 2. Nomes de lugares em Wanano, de Stenzel (2004, 23); também Waltz (2002), Marmolejo et al (2008)

Nheengatú/Português	Wanano	Significado
Ilha de Japú	Mu Nuko	Ilha de Japú (pássaro)
Arara Cachoeira	Maha Poa	Cachoeira da Arara
Ilha de Inambú	Kha Nuko	Ilha de Inambú (pássaro)
Puraque Ponta	Sa'mā Wapa	Ponta do Puraquê (peixe elétrico)
Carurú Cachoeira	Mo Phoye	Cachoeira de Carurú (amaranth)
Jacaré	Soma	Jacaré (igarapé)
Jutica	Ñapima	Batata doce (igarapé)
Taína	Nihiphoto	Criança (igarapé)
Taracué	Mene Koana Ñoaka	Formiga branca
Ibacaba	Ñumu Poa	Cachoeira de palma (bacaba)
Matapí	Bukakopa	Cachoeira de armadilha
Igarapé Paca	Sama Nia Phito	Agutí (igarapé)
Macuco	Phota Phito	Tipo de inambú (igarapé)
Ananás	Sāne Oaka	Cachoeira de Abacaxí
Vila Fátima	Boho Poa/Wate Poa	Cachoeira de Tapoica
Tamanduá	Mie Phito	Tamanduá (igarapé)
Santa Cruz/Waracapurí	Poa Wapa	Cachoeira de Pedra (peluda)
Tabatinga	Bota Poa	Cachoeira de Barro Branco
Taiacú	Yese Poa	Cachoeira de Porco

nomes de lugares com traduções óbvias revela que a transparência linguística fronteiriça é um elemento chave no sistema topônimo local. A tabela 2 mostra um sistema similar para Wanano de Stenzel (2004), no qual os termos em todos têm equivalência em Nheengatú ou Nheengatú misturado com Português.

Obviamente, os nomes próprios semanticamente transparentes pode ser encontrados em muitas línguas diferentes e não são únicos do noroeste amazônico. Por exemplo, enquanto o topônimo comum Holanda (Holland) não é particularmente transparente, o termo alternativo “Os Países Baixos (The Netherlands)”, é razoavelmente transparente.² O Inglês também tem uma opção mais transparente, “the Low Countries”, e nomes similares são usados na maioria das línguas próximas, as no alemão “*Niederland*”, o francês “*Pays-Bas*” ou o espanhol “*Países Bajos*”, e enquanto muitos idiomas optam por uma forma baseada na forma fonológica da palavra “Holland”, um bom número de línguas usa o calque “terra baixa”, incluindo finlandês, basco, galês, estoniano, albanês e romeno, como exemplos.³ O processo é ainda pelo menos parcialmente produtivo, como recentemente nos escritos de neologistas

2 - “The Netherlands/ Países Baixos” é também mais acurado, como “Holland/ Holanda” tecnicamente se refere apenas à parte sudoeste do país, mas em uso comum cobre o país inteiro.

3 - <http://www.geonames.org/NL/other-names-for-netherlands.html>

para a versão Quechua do Wikipedia que criaram para “Países Baixos” o topônimo semanticamente transparente “*Uraysuyu*”, literally “País Baixo”.⁴ Alguém que aprende a palavra para “Nederland” em qualquer das línguas com termos transparentes teria acesso à descrição daquele país como uma área baixa, comparada a alguém aprendendo um empréstimo baseado na forma fonológica de “Holland”. Entretanto, enquanto seja possível encontrar casos de transparências linguística transfronteiriças em outras áreas, é mais raro encontrar esta transparência usada tão produtivamente para o compartilhar das ideias e práticas entre os falantes de muitas línguas como é na área do Rio Negro.

3 Transparência Semântica versus outras estratégias linguísticas transfronteiriças.

A influência linguística baseada pelo contato pode ter muitos resultados, mas uma distinção ampla é que entre as práticas de adquirir palavras apropriadas, no qual uma palavra fonológica é adaptada a uma nova língua e “tradução de empréstimo” (WEINREICH 1963:51) ou calque linguístico, no qual um significado de uma língua é aproximado pelos recursos de uma segunda, levando às palavras fonológicas de origens separadas mas com relações semânticas transparentes. A maioria das discussões de palavras por empréstimo lidam primariamente com a anterior, não com a última (e.g. HASPELMATH 2009, TAMOR AND HASPELMATH 2009), e focam mais na adaptação semântica e fonológica em uma língua do que na transparência semântica entre as línguas. Nomes próprios são emprestados particularmente e frequentemente nas situações de contato com a língua, desde que tenham frequentemente nenhuma tradução fácil. Entretanto, Aikhenvald pontua que o povos do Alto Rio Negro vejam de forma negativa o uso de formas fonológicas de uma língua no contexto de outra (2002, 2003b), então, tais pressões ideológicas provavelmente ajudaram a tornar o calque muito mais amplamente usado que o empréstimo de palavra na região.

Enquanto os etnônimos são geralmente transparentes pelas línguas nativas na área do Rio Negro, na maioria dos casos a transparência encontrou seus limites quando as versões do Nheengatú foram adaptadas para o Português baseadas na forma fonológica e não nos seus significados. Por exemplo, a forma da palavra Nheengatú “*piratapuya*” foi emprestada ao português como um identificador étnico, mas que não mais preserva seu significado seu significado de “gente peixe”. Os termos Nheengatú se tornaram nomes da etnia oficial (grupo étnico) pelos propósitos de

4 - See http://qu.wikipedia.org/wiki/Uray_Llaqta_Suyu. Para menos nomes transparentes foi impossível criar calques para termos Quechua, cujo caso de formas fonológicas são simplesmente adaptados para Quechua, como no caso de Espanha, que a Wikipedia em Quechua chama de “Ispaña”; <http://qu.wikipedia.org/wiki/Ispaña>.

entidades legais como o censo nacional,⁵ a agência nativa do estado FUNAI,⁶ e fundações como Instituto Socioambiental,⁷ onde é usado para distinguir entre pessoas, mas não mais em categorias como “o povo tucano” ou “o povo tatu”.

Às vezes exônimos ou nomes aplicados a pessoas pelos outros, e autônimos, ou nomes as pessoas aplicam a si mesmas, se desenvolvem sem nenhuma motivação semântica ou linguística fonológica transfronteiriça. Por exemplo, os povos Nambikwara receberam seu exônimo pelos falantes de Nheengatú que os chamaram de “buracos de ouvido” (*nambi-kwara*) baseado em um de seus notáveis atributos, o uso de piercings de ouvido largos. Os falantes de Nheengatú não sabiam, aparentemente, que os Nambikwara não têm um termo para a sua família de linguagem como um todo, e ao invés disto, reconhecem muitos dos subgrupos individuais. (KROEKER 2001). A situação resultante é uma das correspondências imotivadas exônimo-autônimo, com pessoas de fora⁸ usando o termo ou outros exônimos genéricos como *bugre*, *tapuya*, ou mesmo Quechua *auca* (ROQUETTE-PINTO 1913), enquanto os Nambikwara por si mesmos usam autônimos relacionados com o clã como “*Manain-dê*”, referindo-se a uma população específica do norte cujo nome transparentemente se refere à espécie de vespa para falantes de outras línguas mutualmente inteligíveis de Nambikwara (EBERHARD 2009).

Um cenário comum para os etnônimos nativos da América do Sul é para um grupo de pessoas se referir a eles mesmos com um autônimo que é a palavra nativa para “pessoa” enquanto os outros usam um exônimo com uma motivação não relacionada. Por exemplo, similarmente aos Nambikwara, um grupo Tukana do oeste do Peru recebeu o nome “Orejones”, palavra espanhola cujo significado é “orelhas grandes”, presumivelmente por conta de os fora terem percebido seus grandes piercings de orelha. Em contrapartida, os falantes de Quechua os chamaram de Koto por conta de uma espécie de macaco cuja coloração aparentemente trás alguma similaridade às tintas de corpo que eles usam. Mas nenhum destes exônimos têm nenhuma conexão com o autônimo Orejon “*mai*”, que simplesmente significa “pessoa” (BELLIER 1994). A situação se repete por toda a América do Sul. Vários casos do Equador ilustram este fato: Antes do contato com a sociedade nacional em 1950, o povo Waorani era conhecido como “*aucas*”, um termo Quechuan para “selvagem” ou “combatente”. Os Shuar eram historicamente conhecidos como “*jívaros*”, um termo espanhol que significa “selvagem” ou “indomado”. Os Tsachila eram conhecidos como “*colorados*”, uma referência espanhola para a cor vermelha que os homens tingiam seu cabelo. Os Chachi eram conhecidos como “*cayapas*”, provavelmente em

5 - <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/indio/numeros.html>

6 - http://www.funai.gov.br/etnias/etnia/etn_am.htm

7 - <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro>

8 - Os povos nativos das adjacências também tem seus próprios

referência a uma figura histórica importante (um “chefe” or *uñi*), ou possivelmente ao rio onde os Chachis habitam. Os falantes Quechua do Equador, Peru outros países do Andes são às vezes referidos como “*quechuas*” or “*quichuas*” pelos falantes de espanhol, mas eles mesmos ou usam etnônimos específicos da localidade (como *otavalo* ou *saraguro* no Equador) ou usam o termo *runa*, para “pessoa”. Uma situação similar se mantém para os povos Nadahup no Vapués áreas adjacentes, que são conhecidas pelos de fora como “*makú*”, entre outros termos, mas se chamam “povo”. A tabela 3 ilustra casos em que ambos o significado e a forma de exônimos e autônimos tem relação motivada.

As práticas de nomeação ilustradas na tabela 3 tem passado por desenvolvimentos interessantes nos anos recentes pelo fato de muitos grupos nativos terem rejeitado exônimos não nativos como etnofaulismos ofensivos, e demandaram- na maioria dos casos de forma bem sucedida – por ser conhecidos pelos seus autônimos. É a forma fonológica, entretanto, e não o significado dos autônimos que tem sido adotado, o que resultaria em vários povos nativos sendo conhecidos como “pessoas” em Inglês, Espanhol ou Português. A maioria destes casos não são situações de extreme multilinguismo e casamento exógamo como aquele do Vaupés, e assim não foi priorizada a manutenção dos conceitos culturais transparentes da mesma forma. Isto não quer dizer que estes povos nunca aplicam o princípio de transparência semântica; por exemplo, alguns nomes de lugar em Cha’palaa têm calques alternativas em espanhol, como a cidade de *Tyaiipi* (água salgada), que também é conhecida como “*Agua Salada*”. Mas nestes casos há predominância de correspondências não transparentes.

4 O sistema etnômico do Alto Rio Negro

Ao retornar à área do Alto Rio Negro, os sistemas etnômicos na região, e particularmente aqueles da área do Rio Vaupés, tendem a apresentar pares arbitrários de autônimos/etnômios emprestados de formas fonológicas, mas ao invés disto, mos-

Tabela 3. Alguns etnônimos da América do Sul

Exônimo	Significado	Autônimo	Significado
Nambikwara	“buraco no ouvido” em nheengatú	Sub-grupos multi-nomeados	Vários
Orejones	“grandes orelhas” em espanhol	Mai	Pessoa
Auca	“selvagem” or “combatente” em Quechua	Wao	Pessoa
Jíbaro	“selvagem” em espanhol	Shuar	Pessoa
Colorado	“de cor vermelha” em espanhol	Tsachila	Pessoa
Cayapa	Nome próprio de um chefe ou rio	Chachi	Pessoa
Quichua	Nome próprio de uma língua	Runa	Pessoa
Makú	Termo pejorative em português, Nheengatú e outras línguas	Hup, Yuhup, etc.	Pessoa

tram uma preferência penetrante pela transparência semântica linguística transfronteiriça. Se um grupo é chamado de o “mosquito” o povo do “barro”, então o seu etnônimo em cada língua será a palavra para mosquito ou barro, às vezes combinado com uma segunda palavra para “pessoas”. Eu ouvi falantes de Nheengatú frequentemente usando as versões de Tupian destes etnônimos, às vezes adicionando o termo genérico *tapuya*: “*tukana tapuya*”, “*tuyuka tapuya*”, “*tariana tapuya*”, etc.⁹ Juntando a informação de um número de diferentes fontes linguísticas e etnográficas, a tabela 4 mostra que na maioria dos casos em cada língua individual, o padrão é o mesmo que eu observei para Nheengatú, mesmo nas ocasiões onde o dado é incompleto. As listas mais completas foram disponíveis para Tukano, Bará, Tariana and Hup.¹⁰ Estas primeiras duas são Tukanoan e mostram cognatas entre elas, mas todavia há pouca similaridade fonológica de diferentes termos entre idiomas, apenas consistência semântica. Isto é impressionante se considerarmos que, junto com Nheengatú, as correspondências semânticas podem ser observadas por quatro famílias de línguas distintas: Tupian, Tukanoan, Arawakan and Nadahup.

Como foi anteriormente ressaltado, nem um sistema de nomeação obedece a um único princípio exclusivamente, mas sistemas podem misturar elementos de transparência semântica junto com outros princípios. Algumas dos nomes oficiais das etnias não podem ser obviamente traçadas ao significado transparente em cada idioma, como o Tariana, o Desana e o Wanano, cujos nomes em Nheengatú não são conhecidas como palavras de origem Tiupi.¹¹ O autônimo Wanano *Kótítia* traduz algo como “o povo da água” em outras áreas, mas a origem da palavra Nheengatú permanece um mistério. O nome vem de uma estória tradicional que diz que o povo Kubeo tentou queimar os Wanano fora de uma árvore oca, mas pelo fato de eles não queimarem, eles os chamaram de “água” (STENZEL 2004,22). Este caso ilustra como a transparência semântica permite o acesso ao conhecimento tradicional entre os grupos de linguagem, contribuindo para os elementos culturais compartilhados que o etnógrafo tanto têm notado. Multilinguismo é mantido em parte como uma consequência do sistema exogâmico linguístico, mas elementos culturais comuns podem ser linguisticamente mantidos pela transparência dos nomes.

9 - Alguns etnônimos também padronizadamente incluíram a palavra *tapuya* na sua forma oficial portuguesa, como “Piratapuya”, mas parece que os dois elementos deste nome não são transparentes para a maioria dos falantes de português, mas constituem uma forma congelada .

10 - Devido à diversidade de fontes de diferentes períodos de tempo, há indubitavelmente alguma inconsistência ortográfica na Tabela 4, e talvez mesmo etnônimos incorretos em alguns casos. Entretanto, isto não afeta o ponto geral ilustrado pela tabela, que através dos grupos sociais de línguas há diferentes nomes fonológicos que normalmente têm o mesmo significado em cada língua.

11 - Acredita-se por diferentes fontes que os Tarianos são possivelmente nomeados por conta do peixe aracú, Ramirez (2001) ou pelo “sangue”, (Aikhenvald 2003).

Tabela 4. Etnônimos entre as línguas no noroeste da Amazônia dado de Goldman (1948); Jackson (1983); Epps (2009b); Aikhenvald (2003a); Ardila (1993); Melguiero (2009); Metzger (1981, 2000); Alemán et al (2000), Koch-Grünberg (1906), ethnologue.com

Nome oficial - Nheengatú	Autônimo	Tukano	Bará	Tariana	Hup	Tradução
Tukano	Daséa*	Daséa	Dahea	Yasé-ne	cəkʷət	gente do tucano
Tuyuka	Dochkáfuara		Bahka Puára		mãc	gente do barro
Pusanga	Bará		Bará		pənʔ	gente do remédio
Arapaso	Koreá				cīyā (Tucano)	gente do pica-pau
Piratapuya	Uaíkena		Wai Mahkara	Kuphe-ne	hōp	gente do peixe
Wanano	Kótítia	Okotikarā	Ohkotí Mahkara		deh-həg agua-?	gente da água
Yurutí- tapuya	Uaiana	Yutabopinō	Wayíara			gente da pomba
Karapaná- tapuya	Mutē	Mutea-masā	Mütea			gente do mosquito
Pisá-tapuya	Wahüná					gente da rede
Tatú-tapuya	Pamoá		Pamoá			gente do tatu
Desana	Winá	imiko masa	Winá		miná? (probable borrowing)	(vento? céu?)
Karawatana mira	Buhágana					gente da zarabatna
Tariana	Iri-ne ("sangue")		Pavará		căç	Tipo de árvore (?)
Baniwa	?				Behkana (probable borrowing)	gente da mandioca (?)
Wariwa tapuya	Hup, etc.	Makú, etc.	Makú, etc.	Makú, etc.	Hup = person	gente do macaco bugio

* - Aqui, autônimo significa qualquer termo na linguagem do grupo que se refere aquele grupo, mesmo se houver outros nomes. Em Tukano, bem como talvez em outras línguas, há uma diversidade de formas pelas quais as pessoas podem se referir aos seus próprios grupos sociais, e os nomes baseados em animais podem ser considerados uma espécie de “apelido” se comparado com outros termos. Este ponto é endereçado mais abaixo.

Esta análise na verdade simplifica e muito as práticas de nomeação locais, que são muito mais complexas do que eu sou capaz de fazer referência aqui. Os diferentes grupos tem diferentes sub-clans nomeados que também podem levar seus nomes de animais e objetos, como um grupo de Karapaná conhecido como os “gente do peixe *duruwa*” (METZGER, 1981). Alguns níveis de nomeação são mantidos mais

públicos enquanto outros são mais privados, como no caso do povo Tukano que em verdade referem a si mesmos como *Yepa Masa*, por conta de um indivíduo da sua história tradicional chamada *Yepa*; este autônimo não tem traduções para outras línguas. Algumas fontes consideram o nome baseado no animal como um apelido mais até que um nome oficial do clã (RAMIREZ, 2001). Entretanto, fontes mais recentes mostram que tem sido em uso comum; Sorensen (1969) ouviu o termo *dahseaye ukushe* ou “fala Tucana” referindo-se à língua Tucana nos anos sessenta. Em todo o caso, fica claro que as sociedades ao noroeste amazônico cuidam em tornar certos elementos transparentes, e deixar outras coisas opacas opaque, como visto neste caso, e em paralelo com a situação dos topônimos Tarianos que são traduzíveis ou não e que foram abordados acima (AIKHENVALD, 1996).

Fora da sociedade Tucana do Vaupés as coisas são um pouco diferentes. É às vezes ditto que os Baniwa do rio Içana têm seu nome por conta do Tupí *maniiwa* para “mandioca”, mas isto não é claro. Na verdade, os Baniwa não são um único grupo no caminho que as etnias do Vaupés estão, mas incluem um número de sub-grupos com seus nomes próprios, um ponto mostrado abaixo. Também não diretamente incluídas na sociedade Tucana, os povos Nadahup são às vezes conhecidos coletivamente pelos outros por um termo baseado em animal em Nheengatú, *wariwa tapuya* or “O povo do macaco bugio,” mas internamente diferenciados por eles mesmos também. Os grupos locais também podem aplicar uma variedade de outros nomes para os povos Nadahup como exônimos em relação à desigualdade social, tratada na próxima seção.

5 Outros tipos de transparência semântica na região do Rio Negro

Enquanto os povos Tukanos e Arawakaa descritos acima tem ligações culturais e inter matrimoniais, os outros povos na região tem uma relação diferente com a sociedade Tukano-Arawak. O exônimo *makú* tem sido aplicado para povos juntam caçadores na floresta, mas não é usado como um autônimo, e é normalmente considerada como ofensiva, como um dos conjuntos de exônimos de valência negativa. Epps recomenda o termo mais neutro Nadahup para os grupos de idiomas dos Hupda, Yuhup, Daw e Nadëb (2008:9). Ao passo que as línguas Nadahup (particularmente HUP, EPPS 2009b) de fato mantém transparência semântica para outros nomes de grupos, seus vizinhos não os tratam do mesmo jeito. A tabela 5 mostra alguns exônimos que são aplicados a eles.

Os diferentes povos Nadahup peoples não usam termos que são semanticamente transparentes com relação a nenhum dos exônimos acima, mas ao invés eles adotaram uma estratégia comum de usar a palavra para “pessoa” como um autônimo (EPPS 2008:584). Esta assimetria em etnônimos reflete uma assimetria social entre

Tabela 5. Nomes para o povo Nadahup; dado de Mahecha (1996); Epps (2009a); Bioca (1965)

Exônimo	Idioma	Significado
makú	Português, Nheengatú, outras línguas	Sem fala ?*
kamã	Português, Nheengatú, outras línguas	?
nixí-maxsa	Desana	Pessoas que perguntam
wira-poyá	Desana	Pessoas lastimadas
pokce	Tukano	Carregador
josa	Barasana/Taiwano	Servo
pavará-poyá	Tariana	Pessoas lastimadas

*. Esta palavra é provavelmente de um termo Arawak para “aqueles sem fala” (Koch-Grünberg 1906:877, Ramirez 2001:198), mas sua origem não é inteiramente clara.

os povos Nadahup e Tukano-Arawak na região, o primeiro aprende as línguas Tukananoan enquanto o último geralmente não aprende as línguas Nadahup. Consistente com este bilinguismo de um lado, o povo Nadahup traduz os etnônimos Tukano-Arawak para as suas línguas, mas os significados dos termos Tukano and Arawak para os povos Nadahup são pejorativos (“etnofaulismos”; ALLPORT, 1964) e único para aquelas línguas. Entre estes dois grupos sociais nem a transparência semântica nem a identidade fonológica são os aspectos mais importantes dos etnônimos, que ao invés refletem a assimetria e opacidade linguística transfronteiriça, e talvez alguns dos limites da cultura compartilhada do Vaupés.

Enquanto o multilinguismo da sociedade Tukano do Vaupés possa oferecer um dos mais extensos exemplos da transparência semântica em nomes próprios, o princípio da transparência semântica pode ser observado muito mais amplamente na região através de outros tipos de situações onde há contato com a língua. Na área do Médio Rio Negro onde eu fiz trabalho de campo com os falantes de Nheengatú, os habitantes locais não são imigrantes apenas das áreas Tukanos, mas também de diferentes áreas Arawak, que apresentam uma versão diferente da transparência semântica em seus sistemas de nomes próprios. As partes mais baixas do Rio Içana passaram por uma mudança de linguagem para Nheengatú enquanto o povo do Alto Içana continuam a falar diversas variedades de Baniwa. As diferentes populações de Baniwas, como o povo Tukanano do Vaupés, cada um tem um nome de identificação único baseado em um animal ou objeto. Como os grupos linguísticos do Vaupés, estes assim chamados grupos de “clã” proveem a base para a exogamia, mas seus nomes não são semanticamente transparentes entre as diferentes línguas na mesma forma, e ao invés são cognatas por um contínuo dialeto. Entretanto, os Baniwa que mudaram para Nheengatú foram capazes de trazer estas importantes distinções sociais junto com o fato de manter a transparência semântica com a mudança para Nheengatú.

Além dos princípios semióticos descritos acima, as estratégias de nomeação na região estão enfim sujeitos ao superior princípio cultural de exogamia. Para os grupos

Table 6. Etnônimos Baniwa; dado de Granadillo (2006:37-43); Koch-Grünberg (1906:168-169); Nimuendajú (1950:160-163)

Kurripako/Baniwa	Nheengatú	Tradução
Adzaneni	Tatú-tapuya	Povo armadillo/ povo tatu
Aini-dákenai	Kawa-tapuya	Povo vespa
Dzawí-minanei	Yawaraté-tapuya	Povo onça/ jaguar
Dzúreme	Yibóya-tapuya	Povo surucucu
Hâma-dákenai	Tapiíra-tapuya	Povo anta
Kapité-mananei	Kuatí-tapuya	Povo coati
Kumada-minanei	Ipeka-tapuya	Povo pato
Moríwene	Sukuriyú-tapuya	Povo anaconda
Wádzoli-dákenai	Urubú-tapuya	Povo abutre
Walipéri-dákenai	Siusí-tapuya	Povo Pleiades

multilíngues, as distinções sociais devem ser comunicadas linguisticamente de forma transfronteiriça, por exemplo, entre um Tukano e um Tariana. Para as pessoas que falam variedades da mesma língua. Como no contínuo dialetal Baniwa, a transparência semântica vem à tona quando eles devem preservar as distinções sociais através de uma mudança de língua, por exemplo entre um Baniwa do alto do rio e um da parte baixa do rio. E na direção dos grupos que não são parte das relações exogâmicas na área, aos povos Nadahup, a transparência semântica não é aplicada, mas um grupo de exônimos não-transparentes e etnofaulismos são usados¹². Nesta forma as normas de pertencer à cultura e compartilha-la, bem como a exclusão social, são refletidas nestas diferentes formas de negociações linguísticas transfronteiriças de significado.

6. Transparência semântica no discurso

O exame das práticas de nomeação provê um jeito conveniente para a fixação de frases nominais e seus equivalentes e alinhando-as com suas correspondências entre as línguas, como visto em muitas das tabelas acima. Mas é claro que as estratégias referenciais para o qual tais frases nominais são usadas ocorrem inseridas no seu uso no discurso, onde elas são circuladas e transmitidas. Alguém pode imaginar centenas de milhares de conversas nas quais os conceitos culturais específicos tornaram-se salientes e falantes multilíngues as emprestaram para outros idiomas. Nos registros que eu fiz com o povo falante de Nheengatú estes processos foram frequentemente observáveis. Esta seção dará exemplos relevantes de transparência semântica no contexto da arte verbal (SHERZER 2003) onde as funções referenciais e proposicionais que permitem o compartilhamento dos conceitos culturais estão inseridos nas funções poéticas da língua (JAKOBSON 1960).

12 - Entretanto, as línguas Nadahup podem mostrar transparência semântica com as outras famílias de línguas, mas isto não é recíproco; ver acima.

No exemplo (1) a contadora de estórias Marcilia é uma falante nativa de Tukano e uma falante a longo prazo de Nheengatú que também tem algum conhecimento de diversas outras línguas, especialmente a língua do seu falecido esposo, Piratapuya. Ela foi uma fonte excepcional de conhecimento cultural durante a minha pesquisa, e ela aparecerá em todos os seguintes exemplos. Aqui, à medida que ela começa a contar a estória em Nheengatú, ela explicitamente vincula referentes nesta estória com a versão que ela ouviu originalmente em Tukano. A linha 1 mostra como ela estabelece um termo semanticamente equivalente para “veado” entre idiomas, verbalizando a palavra em ambos Nheengatú e Tukano.

(1)

- 1 Suasú, suasú paá yamã kwáru ta-mu-seruka
veado veado REP “yamã kwáru” 3pl-CAUS-nome
O veado, eles dizem, é chamado “yamã kwáru”.
- 2 ne a-kua manungara nheengatú irum ya-mu-seruka.
NEG 1sg-saber como nheengatú COM 1pl- CAUS-nome
Eu não sei de que forma chamamos isso em Nheengatú.
- 3 Suasú yuruparí raíra paá.
veado diabo filho REP
O veado é o filho do diabo, eles dizem.

Em diversas ocasiões durante as narrativas, Marcilia ficou preocupada em encontrar a tradução apropriada para os nomes dos personagens das estórias. Alguns personagens tem nomes equivalentes próprios na maioria dos idiomas locais, como o monstro da floresta *curupira*, que foi referido pelo seu nome Tupí nas estórias Nheengatú que eu gravei, mas que também é bem conhecido nas línguas ao redor da região. (nas línguas Tukanoan, STENZEL 2004; nas línguas Arawakan, Aikhenvald 1999; e nas línguas Nadahup, EPPS 2008). Outros personagens talvez não tenham tradução pré-estabelecidas em Nheengatú, haja vista a língua ser uma introdução recente na área, mas os falantes normalmente se importam em encontrar traduções, como neste exemplo onde Marcilia tenta sem sucesso pensar nas traduções de Nheengatú para dois personagens da estória que ela conhece em Tukano.

(2)

- 1 Aá-pe paá ta-kuéma taíra Wariró. Wariró, nome dele.
DEM-LOC REP 3pl-amanecer filho Wariró Wariró nome dele
Dizem que amaneciu, e o filho Wariró, Wariró, nome dele.
- 2 Maá taá pukú? Pai dele, ah nome dele, nome dele, pai dele,
que Q cumprido pai dele ah nome dele nome dele pai dele
Qual é a outra parte (do nome)? Pai dele, nome dele, nome dele, pai dele.

- 3 Quando eu- nome dele paá, tukana Basebó.
quando 1sg- nome dele REP Tukano Basebó
Quando eu, seu nome, eles dizem, em Tucano, é Basebó.
- 4 Língua geral como taá (?) tó dizendo
Nheengatú como q estou dizendo
Em Nheengatú como eu estou dizendo.
- 5 SF: Pode falar só em tukano também, o nome.
.
6. Basebó, so ae-ntu. Basebó. Wariró, Basebó.
Basebó, so 3sg-RESTR, Basebó. Wariró Basebó.
Basebó, somente ele, Basebó, Wariró e Basebó.

Descrições meta-culturais são também um jeito importante de que os conceitos culturais podem ser considerados linguisticamente transparente. Na (3) Marcilia descreve eventos nas celebrações pan-regionais, empregando os recursos linguísticos de Nheengatú, incluindo elementos ricamente icônicos como idiofones e gestos imagistas que podem ser pensados de diferentes formas para aumentar a transparência.



Imagem 1. Gestos circulares representando o movimento dos dançarinos em um *dabucuri*.

(3)

1 Ixé iri umbaá a-kuá a-nheengari,
1sg de.novo NEG 1sg-ssaber 1sg-cantar
Eu por outro lado, não sei cantar.

2 puranga u-nheengari suaxara amú-tá
excelente 3sg-canta 3sg.companheiro outro-PL
Ele canta bonito, seu companheiro, os outros.

3 Suaxara-té paá maniíwa ta-sú vwuuu,
3sg.companheiro-FOC REP mandioca 3pl-go IDEO
Seu compaheiro, dizem, com mandioca, vai ‘vwuuu’ ((gestos circulares))

4 u-yuiri paá kwayé, yawé paá u-sú.
3sg-entrar REP assim.que deste jeito REP 3sg-vai
Ele entra, eles dizem, deste jeito, eles dizem, (e) ele vai. ((gestos circulares))

Muitos dos significados dos elementos linguisticamente transfronteiriços discutidos neste trabalho tiveram a ver com a significância cultural dos diferentes animais como um sistema de distinção social. O exemplo (4) é de uma sessão de coleta de dados a qual eu estava gravando os nomes das espécies de animais com a ajuda de um livro-guia espécies selvagens da Amazônia brasileira, olhando para as figuras e motivando a dizer os nomes. Quando Marcilia viu a imagem de um pássaro saracura, ela lembrou que nas comunidades acima do rio durante a infância dela ela havia visto uma cerimônia onde os homens se tornaram saracuras e cantaram e dançaram. Presumivelmente as canções não eram em Nheengatú, mas Marcilia cria uma tradução contínua improvisada para interpretar algo da tradição Tukano na língua Tupí. Nesta forma de princípio de transparência semântica é estendida além dos itens léxicos específicos e para os elementos de arte verbal e atuação.



Imagem 2. (Esquerda) Gestos mostram a batida de um tradução junto com a cantoria. (Direita) O pássaro saracura (*Aramides cajanea*); imagem do site Projeto Brasil 500: <http://webserver.eln.gov.br/Pass500/BIRDS/INDEX.HTM>

(4)

- 1 Kwaá nungara festa ramé ta-nheengari kariwa, tamburina
 irum, ti ti ti ti ti.
 DEM similar festival quando 3pl-cantar pessoa.branca tambu-
 rim COM IDEO
 Quando eles tem um festival que eles cantam, homem branco, com um tam-
 borim, “ti ti ti ti ti”
- 2 Yandara ramé ta-mbaú-rã. Yandara ramé.
 meio.dia quando 3pl-eat-DAT meio.dia quando
 Ao meio-dia eles comiam. Ao meio-dia.
- 3 Ya-sú ya-mbaú sarakura, meé taá puku rã
 1pl-ir 1pl-comer saracura how Q long DAT
 Vamos comer saracura ((cantando)), como vai?
- 4 Yandara u-pisika-ana yande rã sarakura
 meio.dia 3sg-chegar-PFT IPL DAT saracura
 Meio-dia chegou para nós saracura. ((cantando))
- 5 Ya-sú ya-mbaú. Ya-sú ya-sikí yepe roda sarakura.
 1pl-ir 1pl-comer 1pl-ir 1pl-puxar uma roda saracura
 Vamos comer. Vamos formar uma roda, saracura. ((cantando))
- 6 Ta-meé prato iké aikwé timbiú
 3pl-dar prato aqui tem comida
 Eles dão um prato “tem comida”
- 7 colher wasú irum ta-yuka ta-yupuí i-yurú-pé.
 colher AUG COM 3pl-pegar 3pl-alimentar 3sg-boca-LOC
 Com uma colher grande, pegue e os alimente na boca.
- 8 Ai! Yukitaya irum chega u-babari u-sú sarakura.
 pimenta COM chega 3-babar 3sg-ir saracura
 Ai! Com pimenta ele fica babando, a saracura.
- 9 Eeta! U-mutai-ana yandé sarakura.
 3sg-abençoar-PFT IPL saracura
 Eeta! A saracura nos abençoa.
- 10 Ya-sú ya-yasuka garapá kití sarakura u-nheé.
 1pl-ir 1pl-banhar praia em.direção saracura 3-dizer
 Vamos nadar no porto saracura ((cantando)) ele diz.

Não somente os etnônimos e topônimos são feitos semanticamente transparentes entre as línguas no noroeste da Amazônia, mas as ideias quais aquelas formas nominais se referem são transmitidas em formas de discurso mais amplas que são seu

jeito transparente criado mediante a tradução. Tal como os etnônimos e topônimos, entretanto, a transparência semântica não é apenas o único princípio operativo ao nível do discurso, e no meu trabalho de campo eu me deparei com casos de outros princípios ocorrendo. Por exemplo, quando eu recebi tratamento tradicional por conta de um joelho inflamado que incluiu uma benção específica falada, a benção teve que ser dada necessariamente em Tukano, mesmo embora o falante usasse predominantemente Nheengatú (ver FLOYD 2007). O significado das palavras foi considerado opaco e misterioso, enquanto a forma fonológica permaneceu consistente entre línguas, e com isso presumivelmente qualquer um fez disto um tratamento eficaz.

7 Discussão

A informação sobre região do Rio Negro apresentada acima descreve uma sociedade multilíngue com muitos elementos culturais compartilhados entre grupos linguísticos. Os limites desta cultura regional são mais ou menos contínuo com os limites do sistema de exogamia, notavelmente excluindo os povos Nadahup que não são tipicamente envolvidos nestas relações exogâmicas. Esta exclusão não é total, pois os povos Nadahup em algum aspecto participam na sociedade Tukana e trazem nomes Tukanos para as suas línguas, mas isto não é recíproco, e os seus próprios conceitos culturais específicos tem pouca valor para os outros grupos na região. Adicionalmente, os habitantes não indígenas que falam português (além de outros estrangeiros brancos como eu) não tem a expectativa de participar nos sistemas de nomeação de semântica transparente, e o casamento com eles é uma forma que os filhos deixam o domínio do sistema etnônico completamente (particularmente através da linhagem do pai; ver FLOYD 2007). Como discutido acima, as sociedades Arawakas como aquela do Baniwa também participam em práticas culturais pan-regionais em uma escala maior, incluindo exogamia e sistemas de nomeação semanticamente transparente entre dialetos e idiomas, em casos de mudança de idioma.

Dentro do inter-casamento dos povos, como parte do complexo de relacionamentos inter-grupo social, incluindo troca de esposas e ampla co-participação em diferentes práticas culturais e tradições orais de história, os diferentes povos podem fazer seus calques de etnônimos baseados em palavras para animais ou objetos bem conhecidos cuja expectativa é de que exista em todas as línguas na área. A prática do calque linguístico e o evitar dos empréstimo lexicais na região contrasta com outras situações envolvendo outras línguas no qual o mais proeminente efeito de contato é aumentado através de empréstimos lexicais¹³. Em casos de empréstimos lexicais uma nova palavra entra na língua, adaptando-se a sua fonologia e morfologia, normalmente por que se refere a um novo conceito adquirido pelos falantes de outra língua. O calque de palavras para animais, plantas e outros objetos bem-conhecidos para se

13 - Entre muitas outras fontes, ver o clássico Weinreich 1963 ou o mais recente Haspelmath 2009.

referir a pessoas e lugares, em contrapartida, não se adicionam novos lexemas para a língua, mas expande o significado das palavras existentes para a categorização social e outros tipos de prática cultural. Os significados das palavras são naquele sentido motivado pelas normas sociais que requerem que os grupos sociais sejam diferenciados, e eles mapeiam diferenças de mundo não humano no mundo humano. Como um jeito de manter estas importantes distinções sociais linguísticas transfronteiriças, falantes do Alto Rio Negro são capazes de desconectar um significado do termo component do seu component de som através do calque, um processo que não ocorre no empréstimo lexical, quando som e significado são adotados e adaptados juntos. Há diferentes processos semióticos em jogo nestes dois tipos de empréstimos com respeito a etnônimos, porque enquanto ambos os tipos preservam um relacionamento indexical para os grupos a que se referem, em um caso a tradução é baseada em uma associação simbólica e no outro caso é baseada em um tipo de simbolismo no qual as formas de som devem fisicamente se assemelhar um ao outro linguisticamente. Em alguns contextos a preservação da forma fonológica de palavras emprestadas é desejável como um sinal de prestígio associado com o multilinguismo em línguas de alto prestígio – como o Latim e o Francês em certos momentos da história da Inglaterra, ou como o Inglês em muitos lugares hoje- mas as ideologias contra empréstimos e troca de códigos na região do Rio Negro favorecem que muitas línguas sejam faladas, mas não combinando elementos de nenhuma das duas línguas ao mesmo tempo. Os jeitos diferentes de traduzir nomes, ou empréstimo de palavras ou calque, levantam a questão de que os “nomes próprios” consistem, e se etnônimos (e topônimos) na cultura compartilhada no noroeste da Amazônia não são simples pareamentos de significado pelo som mas primariamente são conceitos semânticos mantidos pelos indivíduos multilíngues cujas correspondências de significado pelo som são apenas emergentemente geradas ao uso de uma língua ou outra da parte deles. São os significados que constituem elementos da cultura compartilhada, não as formas da palavra específicas, que são específicas para cada grupo de língua.

As relações da transparência semântica não são todas emcompassadas mas também são limitadas, como refletido nos dados considerados aqui. Muitos dos grupos locais mantêm algo do conhecimento cultural de forma monolíngue para si mesmos enquanto fazem outras partes disto transparentes para a cultura mais ampla. Alguns termos se tornaram firmemente estabelecidos, deixando suas etimologias opacas. Alguns povos não são considerados socialmente iguais, e são parcialmente excluídos da transparência. Às vezes as fronteiras entre os grupos sociais, grupos culturais e pontos em um contínuo dialetal podem se tornar misturados e produzir o nível errado de granularidade entre o subgrupo e macro grupo. No discurso, algumas tradições do uso da língua como cantoria xamânica podem vindicar identidade fonológica a ser preservada em detrimento da transparência semântica. Estas correspondências incompletas complicam as observações dos etnógrafos sobre homogeneidade cultu-

ral citada no início deste trabalho. Seus contos descrevendo a importância o povo local impõe em fazer o conhecimento cultural transparente bem como circulá-lo são preciso, mas deve também ser notado que há limites para este princípio. Contos de etnógrafos tem documentado muitos níveis de categorização social na região além do grupo de linguagem, e cada um destes tem seu próprio escopo de socialização. Isto significa que o compartilhamento cultural é penetrante, é também parcial, e que os povos da região podem ser ambos grupos sociais independentes e membros de um macro grupo maior. Ao focar nos processos semióticos pelos quais os elementos culturais são compartilhados na região do Rio Negro nos ajuda a levar em conta esta complexidade e entender exatamente como o compartilhamento cultural pode ser atingido em tais contextos de extremo multilinguismo.

KEY

1, 2, 3 = pessoa, sg/pl = singular/plural, AUG = aumentativo, CAUS = causativo, COM = comitativo/instrumental, DAT = dativo, DEM = demonstrativo, FOC=enfoque, IDEO=ideófono, LOC=locativo, NEG=negação, PFT=perfectivo, PL=plural, REP = reportivo, RESTR = restrictivo (delimitative), Q = interrogativo

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra. 1996. *Multilingual and monolingual placenames in Tariana*. Names. A Journal of Onomastics 44: 272-290.
- AIKHENVALD, Alexandra. 1999. *Tariana Texts and Cultural Context*. Munich: Lincom Europa.
- AIKHENVALD, Alexandra. 2002. *Language Contact in Amazonia*. Oxford: Oxford University Press.
- AIKHENVALD, Alexandra. 2003a. *A grammar of Tariana, from northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- AIKHENVALD, Alexandra. 2003b. *Multilingualism and ethnic stereotypes: the Tariana of northwest Amazonia*. Language in Society 32: 1–21.
- ALEMÁN M., Tulio, Reinaldo López H. and Marion Miller. 2000. *Wirã ya, peamasa ya wererituri* [Desano-Español - Diccionario bilingüe de 896 palabras]. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.
- ALLPORT, Gordon. 1954. *The Nature of Prejudice*. Cambridge: Addison West Publishing Company.
- ARDILA, Olga. 1993. *La subfamilia lingüística tucano-oriental: estado actual y perspectivas de investigación. Estado Actual de la Clasificación de las Lenguas Indígenas de Colombia*, ed. María Luisa Rodríguez de Montes, pp. 219-233. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo/Imprenta Patriótica.

- BELLIER, Irène. 1994. *Los Mai Huna*. Guía Etnográfica de la Alta Amazonía, eds. Fernando Santos Granero & Frederica Barclay, vol.1, pp. 1-180. Quito/Lima: Flacso/IFEA.
- BIOCCA, Ettore. 1965. *Viaggi tra gli indi*: Alto Rio Negro, Alto Orinoco: appunti di un biologo. Volume Primo. Rome: Consiglio nazionale delle ricerche.
- BOAS, Franz. 1911. Introduction. *Handbook of American Indian Languages*. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin 40: 1-83.
- CHERNELA, Janet. 1993 *The Wanano Indians of the Brazilian Amazon: A Sense of Space*. Austin: University of Texas Press.
- EBERHARD, David. 2009. *Mamaindê Grammar*. A Northern Nambikwara language and its cultural context. Ph.D. dissertation, Vrije Universiteit Amsterdam.
- EPPS, Patience. 2008. *A Grammar of Hup*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- EPPS, Patience. 2009a. 'Language classification, language contact, and Amazonian prehistory.' *Language and Linguistics Compass* 3(2): 581-606.
- EPPS, Patience. 2009b. *Survey of Alto Rio Negro names*. email communication.
- FLOYD, Simeon. 2007. *Changing times and local terms on the Rio Negro, Brazil*: Amazonian ways of depolarizing epistemology, chronology and cultural Change. *Latin American and Caribbean Ethnic studies*, 2(2): 111-140.
- GOLDMAN, Irving. 1948. "Tribes of the Uaupes-Caqueta Region." *Handbook of South American Indians*, ed. Julian H. Seward, Vol. 3 pp. 763-791. Washington: United States Government Printing Office.
- GRANADILLO, Tania. 2006. *An ethnographic account of language documentation among the Kurripako of Venezuela*. Ph.D. dissertation. University of Arizona.
- HASPELMATH, Martin. 2009. Lexical borrowing: concepts and issues. *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. eds. Martin Haspelmath & Uri Tadmor, pp. 35-54. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HASPELMATH, Martin and Tadmor, Uri. The Loanword Typology project and the World Loanword Database. pp1-34 *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. eds. Martin Haspelmath & Uri Tadmor, pp. 1-34. Berlin: Mouton de Gruyter.
- HUGH-JONES, Christine. 1988. *From the Milk River*: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUGH-JONES, Stephen. 1979. *The palm and the Pleiades*: initiation and cosmology in northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press.
- JACKSON, Jean. E 1983. *The Fish People*: Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwestern Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press.

- JAKOBSON, Roman. 1960. *Closing Statement: Linguistics and Poetics*. Style in Language. ed. T.A. Sebeok, pp. 350-377. New York: Wiley.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor 1906. *Die Indianerstämme am oberen Rio Negro und ihre Sprachliche Zugehörigkeit*. Zeitschrift für Ethnologie. 38: 166-205.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1962. *The Savage Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- MAHECHA Rubio, Dany, Carlos Eduardo Franky Calvo, y Gabriel Cabrera Becerra. 1996. *Los Makú del noroeste amazónico*. Revista Colombiana de Antropología 33: 86-132.
- MARMOLEJO, Diana, Montes, María Emilia, Bernal, Rodrigo. 2008. *Nombres amerindios de las palmas (Palmae) de Colombia*. Revista peruana de biología 15:151-190.
- MELGUEIRO, Edilson Martins. 2009. *Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação lingüística das entidades na concepção do mundo dos Banúwa*. Mestrado. Universidade de Brasília.
- METZGER, Ronald G. 1981. *Gramática popular del carapana*. Bogotá: ILV & MG.
- METZGER, Ronald G., compiler. 2000. *Marĩ yaye mena Carapana, yaia yaye mena Español macãrĩcã tuti = Carapana-Español, diccionario de 1000 palabras*. Bogotá: ILV.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 1950. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés. *Journal de la société des américanistes*, Année 39(1):125 - 182.
- RAMIREZ, Henri. 2001. *Línguas Arawak da Amazônia setentrional: comparação e descrição*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. 1913. *Os índios Nhambiquara do Brasil-central*. Proceedings of the 18th International Congress of Americanists, pp. 382-387. London: Harrison and Sons.
- SILVA, Alcionilio Bruzzi Alves da. 1962. *A civilização indígena do Uaupés*. São Paulo: Centro de Pesquisas de Iauareté.
- SHERZER, Joel. 2002. *Speech play and verbal art*. Austin, University of Texas Press.
- SORENSEN, Arthur P. Jr. 1967. *Multilingualism in the Northwest Amazon*. *American Anthropologist* 69:670-684.
- SORENSEN, Arthur Peter. 1969. *The morphology of Tukano*. Ph.D. dissertation. Columbia University.
- STENZEL, Kristine S. 2004. *A reference grammar of Wanano*. Ph.D dissertation. University of Colorado.

- STENZEL, Kristine. 2005. Multilingualism in the NW Amazon, revisited. *Memorias del Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica-II* 27-29 Oct. University of Texas at Austin.
- WALTZ, Nathan E. 2002. *Innovations in Wanano* (Eastern Tucanoan) when compared to piratapuyo. *International Journal of American Linguistics* 68:157-215.
- WALTZ, Nathan E., compiler; Paula Simmons de Jones and Carolyn de Waltz, editors. 2007. *Diccionario bilingüe: Wanano o Guanano—Español, Español—Wanano o Guanano*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.
- WEINREICH, Uriel. 1963. *Languages in Contact: Findings and Problems*. The Hague: Mouton.

